

ABERTURA

II SIMPÓSIO BIENAL DA SBPSP

“Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento”¹

Bernardo Tanis²

Caros colegas membros da SBPSP, membros filiados ao Instituto Durval Marcondes, funcionários e colaboradores, e público em geral. Quero que saibam que o simpósio está lotado, com capacidade máxima de 600 inscritos, mas a nossa casa nossa sede da SBPSP está vazia. Há muito aprendi que alegria e tristeza fazem parte das nossas vidas. Pulsões de vida e de morte na formulação freudiana.

Não estamos na nossa sede, no nosso auditório, não nos abraçamos nem trocamos beijos como costumamos alegremente fazer em eventos deste porte. Também não teremos os gostosos e agitados intervalos para um café, momentos em que encontramos amigos e comentamos sobre o que ouvimos nas mesas. Também estão fora de questão o coquetel e os jantares com os quais recebemos habitualmente os nossos convidados estrangeiros para as plenárias: Rosine Perelberg, presidente da Sociedade Britânica e Elisabeth Chapuy, coordenadora científica da FEPAL, e homenageamos a todos os que participaram ativamente da organização coordenado com paixão e competência por nossa diretora científica Silvana Rea, deste que espero seja um grande e produtivo encontro.

Mas acreditem, me sinto em casa, nesta nova e estranha casa, sabendo que o tema escolhido pra nosso II Simpósio irá nos ajudar os complexos tempos que nos toca viver. Tempo de incertezas, a subversão das noções de espaço e tempo, da vida como estamos acostumados a vivê-la.

Estou emocionado e tomado por uma mistura de sentimentos, de pesar e dor por aqueles que não puderam fazer face e vencer esta doença devastadora, mas também tomado por um sentimento de admiração e gratidão por todos aqueles que na linha de frente cuidam dos doentes e suas famílias, pela solidariedade manifestada por muitos setores da população, ao mesmo tempo

¹ Trabalho apresentado na abertura do II Simpósio Bienal SBPSP “Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento”, no dia 21 de agosto de 2020.

² Membro efetivo e presidente da SBPSP, docente do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da SBPSP, Doutor pelo Núcleo de Psicanálise da PUC-SP.

indignado pela insensibilidade e incompetência de outros, pela sua arrogância cínica.

Estou admirado pelo vigor dos analistas em nossa Sociedade e em tantas outras associações e grupos espalhados pelo Brasil e pelo mundo, que arregaçaram as mangas para atendimentos gratuitos e solidários, mas que também mantiveram suas clínicas e espaços de reflexão apesar da adversidade. Grato os meus colegas da Diretoria da SBPSP e aos nossos funcionários que não mediram esforços para manter ativa a vida científica e administrativa da Sociedade. Muito muito obrigado!!

Agradeço a presença viva de todos vocês, e recebam um caloroso abraço que espero nos faça sentir durante estes dias do simpósio em casa, em esta nova casa que é uma mistura, um cruzamento de fronteiras de todas as casas!

Psicanálise no mundo

Faz quase quatro anos que assumi a presidência da SBPSP com uma diretriz muito clara: promover o diálogo intenso e fértil em todos os campos em que possa se fazer presente a psicanálise clínica e também como pensamento crítico sobre a cultura.

Hoje transcorrido este tempo, percebo que graças ao empenho de cada um dos diretores e em torno de uma diretriz comum, foi possível levar mais do que nunca a Psicanálise à comunidade através de inúmeras parcerias e convênios, cursos breves, debates com diferentes expressões da cultura e das artes, em livrarias, Cinemateca, MIS, Museus, SESC, eventos com as Universidades PUC e USP, atividades no interior do estado. Prestigiosas entidades públicas e privadas, de nossa Cidade e Estado, assim como intensa atividade científica no campo clínico-teórico e inúmeros grupos de estudos nos mais variados assuntos da nossa disciplina.

Esta ampla expansão não se deu às custas de uma diminuição da seriedade da nossa formação, nem da diminuição do debate clínico. Pelo contrário, promovemos debates clínicos entre membros da SBPSP com analistas de outras instituições do Brasil e do exterior. Debates que revelaram uma Psicanálise viva que, ao lado das práticas mais tradicionais, novas formas ancoradas no rigor do método analítico puderam ganhar direito à cidadania. Não como práticas

menores, mas com dizemos desde o nosso I Simpósio Bienal, expressões genuínas da “Psicanálise e suas clínicas”, expressão cunhada para abarcar a diversidade de formas que o dispositivo psicanalítico pode adotar. Contamos com a participação ativa e entusiasmada dos membros filiados, analistas em formação no nosso Instituto e de sua Associação, que este ano comemorou 50 anos de existência com um estimulante e desafiador Simpósio sobre o futuro da Psicanálise.

Saímos da nossa casa e visitamos muitas outras casas, fomos bem recebidos, acolhidos retribuímos convites e recebemos profissionais, trabalhadores de saúde mental e interessados em geral. Podemos dizer que hoje nossa casa está aberta, cruzou fronteiras. Foi possível vencer um imaginário que coloca a fronteira como lugar de ameaça e perigo, risco de contaminação de perda ou diluição da nossa identidade clínico-teórica. Vemos a fronteira e os interstícios em todas as suas expressões, como lugares de enriquecimento e questionamento, de troca e intercâmbio, de suspensão das certezas e de um movimento de transformação.

Fronteiras

O nascimento do eu é para Psicanálise tributário do encontro com o outro, a alteridade compõe a matriz subjetiva da nossa subjetividade. Mas este encontro demanda um longo e infinito percurso. Da dependência absoluta à autonomia, dos percalços da submissão, do masoquismo, do ódio e da destrutividade. Do amor e da solidariedade, da sexualidade e suas múltiplas expressões de gênero na cultura. É disso que Freud nos fala em “Psicologia das Massas e análise do Eu”.

Assim as fronteiras intersubjetivas e intersubjetivas são trabalhadas e constitutivas de nossa subjetividade e marcam a constituição do nosso aparelho psíquico desde os primeiros modelos esboçados por Freud. Ao falar dos traços mnêmicos, das primeiras inscrições psíquicas, da representação de coisa e de palavra, da passagem do inconsciente para o pré-consciente e consciente. Do sonho e da vigília, do simbolizado e do não representado. Há uma tópica, lugares psíquicos e fronteiras de tradução transformação ultrapassagem com maior ou menor grau de liberdade e fluidez. Há fronteiras temporais, uma heterocronia que não corresponde a nenhuma linearidade.

Não vou me alongar neste ponto pois o trabalho do Canelas que vocês ouvirão a seguir descreve maravilhosamente a história da evolução e descoberta das fronteiras psíquicas nas configurações neuróticas e não neuróticas, o lugar do objeto e da pulsão, das drásticas defesas face ao potencial traumático das experiências.

A SBPSP, embora realizasse muitos eventos e jornadas, não dispunha nos últimos anos de um evento amplo que congregasse todos os seus membros e colegas de outros espaços em torno, não de um autor, ou de um campo específico, mas sim em torno de um assunto que nos diz respeito a todos! Assim nasceu o projeto do Simpósio.

“O mesmo e o outro”, tema do I Simpósio foi um projeto de dois anos de trabalho para que nós, psicanalistas da SBPSP, olhemos dentro de nossa casa, como lidamos com as diferenças, com a pluralidade de referências e modelos, e também para mostrarmos para fora da SBPSP quem somos e o que fazemos.

Nos debruçamos sobre as nossas instituições e no contexto mais amplo do nosso país, que foi tomado selvagememente por um discurso de ódio em relação ao outro à diferente expressão do que Freud chamou de narcisismo das pequenas diferenças.

O assunto Fronteiras que coincidentemente a Fepal adotou para seu Congresso, brota inevitavelmente como corolário do anterior, nos alcança num momento de pandemia, em que ao propor o isolamento inibe a cruzamento das fronteiras físicas, e nos desloca para novas fronteiras - a ciber fronteira.

Escancaram-se as diferenças, as marcas da pobreza, àqueles que operam num mundo dominado pelas novas tecnologias e suas ferramentas, e aqueles que dependem dos seus braços, dos trabalhos que não podem ser feitos a não ser na presença física.

A pandemia nos mostrou que as fronteiras se entrecruzam, não é possível pensar saúde sem política econômica, vida sem ética, cidadania sem democracia, bem estra emocional sem o mal-estar social...

As fronteiras são móveis, a clínica psicanalítica com não poderia ser diferente: está em movimento. Seu potencial clínico, heurístico e transformador depende da ousadia de compreender que movimento vincula espaço e tempo. Categorias que na física contemporânea não podem ser concebidas como intuições *a priori*; dependem do observador e dos contextos. Assim, a

subjetividade humana não é estática nem imutável. Reorganiza-se em movimento lentos, mas também na vertigem do traumático, no tempo chamado de Aion pelos gregos. O que nos levou de uma hora para outra, num piscar de olhos, a passar atender nossos pacientes remotamente. Até as vozes mais conservadoras no nosso meio se viram levadas a ousar e foram confrontadas com pensar as mutações às quais estamos sujeitos.

A realidade o sofrimento humano nos convoca como cidadãos e como psicanalistas.

Várias vezes usei esta frase: estamos à altura de estes desafios?

O simpósio, resultado de dois anos de trabalho não é uma vitrine, reflete o empenho e convoca: convoca a pensar a não se omitir a não se cristalizar em lugares instituídos.

Sejam todos muito bem-vindos a nossa casa, seja ela física o virtual, sintam-se acolhidos e abraçados por nós e recebam nossa sincera gratidão por se deporem a trabalhar conosco nestes dois fins de semana.